

Receita Da Boa Mulher: Análise Da Imagem-Palavra Na Formação De Uma Estética De Resistência No Cordel De Izabel Nascimento

Rose Elaine dos Santos BONIFÁCIO¹
Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE

Introdução

A complexidade de compreensão do que é ser mulher além dos estigmas sociais e da imposição de papéis de gênero colocam a presença feminina, historicamente, em segundo plano, um lugar de figuração, por vezes, caricato. Essa sublocação da mulher nas relações de gênero também é presente na historiografia do cordel brasileiro e não é necessário ir muito longe para notar que o cordel, que imortalizou personagens masculinos do cenário nordestino, como Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Rei do Cangaço, não fez o mesmo ao figurar mulheres.

Um exemplo disso é observado no trecho da obra "O Bataclan Moderno", do poeta paraibano Leandro Barros, considerado pelo cânone "pai do cordel". Note que nas sextilhas do cordelista, a figura feminina ocupa um lugar estigmatizado atrelado aos padrões patriarcais, de beleza e à sua estética.

*[...] as senhoritas de agora
É certo o que o povo diz,
Não há vivente no mundo
Da sorte tão infeliz;
Vê-se uma mulher raspada
Não se sabe se é casada,
Se é donzela ou meretriz.*

(BARROS², 1953, p. 1-2)

A presença da mulher exposta de maneira caricata e definida por meio de termos como "donzelas" e "meretrizes" revela conceitos morais, estereótipos e estigmas sociais de uma época passada, mas que ainda hoje circulam na sociedade. Essa mensagem, que por vezes recorre a aspectos estéticos, é percebida à primeira vista no texto do cordelista, mas

¹ Mestranda do Curso de Jornalismo do PPGCOM - UFS, email: rosebonifacio@academico.ufs.br

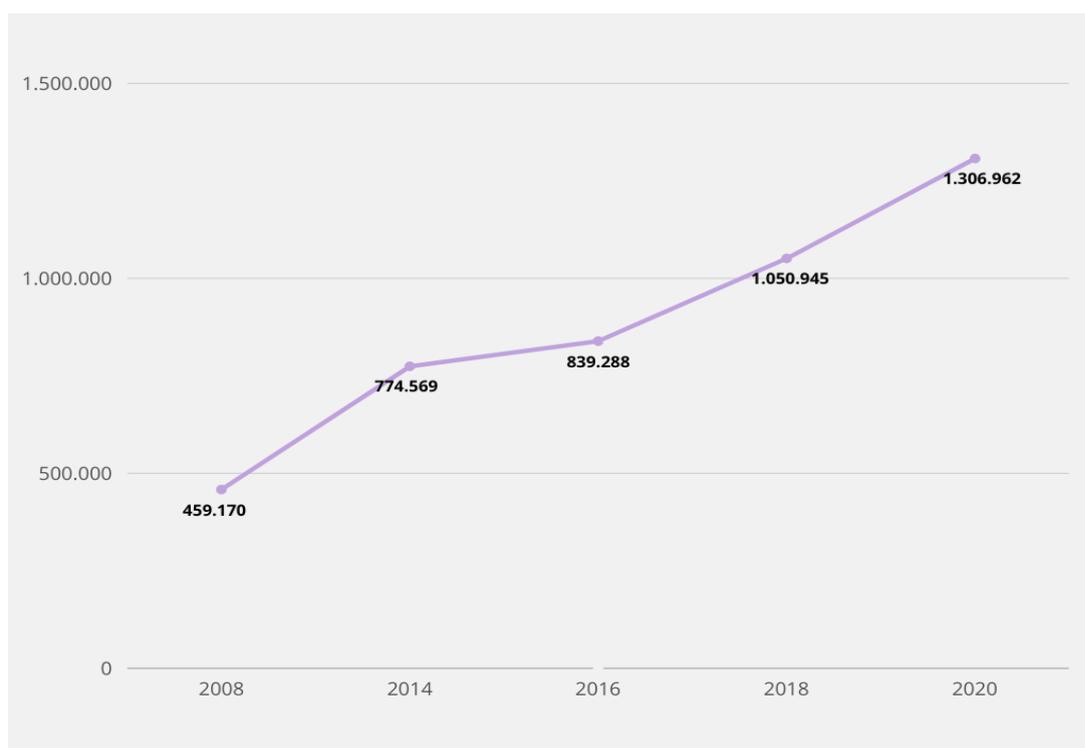
² A Bibliografia Prévia de Sebastião Nunes Batista, considera Leandro Gomes de Barros o autor do poema.

também revela-se no que não é explicitamente mencionado, no espaço entre as palavras, nos discursos que estão enraizados e extrapolam a poesia em si.

Lipovetsky (2000) e Wolf (1992), ao tratarem da estética feminina, afirmam que a beleza se configura como algo imprescindível para as mulheres. Essa pressão estética tem efeitos significativos na criação de estereótipos de gênero e na busca por um padrão de beleza inalcançável, principalmente, em nós, mulheres.

Conforme pesquisa divulgada pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), o Brasil tem índices expressivos no setor de cirurgias estéticas³. O dado mais atual, de 2020, da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS)⁴, aponta que foram feitos 1.306.962 procedimentos estéticos neste ano no país. No que diz respeito à distribuição de gênero, o relatório indicou que, em escala mundial, 87,2% das intervenções cirúrgicas são realizadas em mulheres e 12,8% em homens.

Número de Cirurgias Plásticas no Brasil



Fonte: Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica e Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética

³ Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/2014/07/29/de-acordo-com-a-isaps-brasil-lidera-ranking-de-cirurgias-plasticas-no-mundo/>

⁴ Relatório disponível em: <https://www.isaps.org/discover/about-isaps/global-statistics/reports-and-press-releases/>

Diante das inquietações que esses números despertam e na busca por mulheres que hoje reconstróem e problematizam os discursos de gênero e suas implicações, surgiu essa proposta de pesquisa. Este artigo analisa a representação da estética feminina nos cordéis *Receita da Boa Mulher* (2018), *Cordel de Mãe e Filha* (2018) *Relato de Verso e Voz* (2017) de autoria da cordelista sergipana Izabel Nascimento. O intuito é identificar qual a imagem discursiva do feminino que a autora constrói em suas rimas e descobrir, assim, qual a potencialidade da mulher autora que figura a si mesma no cordel, e que por sua vez, também permite ao ouvinte-leitor visualizar o mundo sob outra perspectiva.

Para tal, alguns conceitos de gênero, imagem-palavra e cultura popular serão utilizados sob a ótica da análise do discurso de Foucault (1986) em diálogos com teóricos como Barthes (1990), Hall (2003) e hooks (2017).

Percurso Metodológico

Fruto de uma pesquisa qualitativa, o percurso metodológico para construção deste artigo dividiu-se em dois momentos. Na primeira fase houve a seleção das obras da cordelista, que tomou como referência a proposta de Amostragem Não-Probabilística aleatória por conveniência de Cooper & Schindler (2003). Esse tipo de procedimento amostral permitiu que houvesse uma escolha deliberada do corpus da pesquisa dependendo dos critérios e julgamento da pesquisadora. Nesse momento, vale mencionar que a amostragem não-probabilística possui dois métodos de coleta de amostras (conveniência e intencional). A utilizada aqui partiu da conveniência dos recortes de gênero encontrados no cordel de Nascimento, os quais pretendo explorar posteriormente de forma mais profunda na construção da dissertação de Mestrado. Ainda no que diz respeito às amostras por conveniência, elas possibilitam que os pesquisadores tenham a facilidade de escolha de suas observações já na fase de seleção das amostras. (Cooper & Schindler, 2003).

O segundo momento ficou reservado para a análise das obras. Esta foi realizada conforme a análise de discurso proposta por Michel Foucault (1986 - 1996) e com apoio da pesquisadora Maria do Rosário Gregolin (2004), e do teórico Roland Barthes (1990).

Para Foucault (1986, p.56), nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão "vivas" nos discursos. Em concordância, Barthes (1990) critica o entendimento de

texto como um produto acabado propondo que muito há para além do que está escrito, para ele o texto é tecido através de um entrelaçamento contínuo de sentidos. O autor enfatiza que:

Texto quer dizer Tecido; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (hyphos é o tecido e a teia da aranha. (1990, p. 74-75)

No capítulo “*O Texto e a Imagem*” (1990) da mesma obra, o autor ainda complementa que: “o texto constitui uma mensagem parasita, destinada a conotar a imagem, isto é, a lhe “insuflar” um ou vários significados”.

Vale mencionar que ao utilizar esse tipo de análise a ideia é enxergar as formações discursivas como representações construídas pela realidade que definem o sujeito, moldando e posicionando quem ele é e o que ele é capaz de fazer. Por esta razão, a análise das obras dessa cordelista não se limitou à estrutura textual, mas também foi observado as intenções da estética e significados atribuídos ao feminino e as relações de poder que atravessam o texto em si.

Cordel, estética e gênero: uma breve fundamentação teórica

A exposição unilateral dos estereótipos de gênero por vezes recorre a aspectos estéticos para fomentar um discurso do que é ser mulher, como visto na obra de Barros. Com base nisso e nos dados sobre procedimentos estéticos apresentados na introdução deste trabalho, podemos expor as seguintes afirmações centrais: há exigências sobre a estética corporal segundo uma abordagem de gênero. Estas exigências são diferentes e têm efeitos diferentes para o público feminino e masculino (LIPOVETSKY, 2000).

Isso leva ao questionamento: é possível pensar o gênero feminino desconectado da estética? A hipótese inicial pressupõe de que não, não é possível pensar o gênero desconectado da estética, e é possível encontrar respaldo na fala do professor Jorge Leite Júnior (2016):

A promessa de estetização da vida. (...) Porque os conceitos de beleza, feiura, sublime, de grotesco, são políticos em si. Todo conceito estético é sempre um conceito político, toda estética representa valores éticos, religiosos, políticos,

morais, eróticos de quem está julgando. Por isso, toda política necessita de uma estética e toda estética é política.

Essa fala remete ao pensamento de Michel Foucault (1986), quando o teórico na obra *Arqueologia do Saber* aponta que todo saber é político, não há neutralidade quando pensamos no saber. A estética é um campo do saber, podendo ser um campo de batalha, tal qual nossos corpos.

Câmara Cascudo (1952) ao descrever o folheto usa a expressão de que a vida do nordestino estaria "fotografada" nos versos dos folhetos, expondo, assim, a força da imagem poética do cordel na criação de representações. Desse modo, o cordel enquanto manifestação oral e escrita, para o autor, tem toda a potencialidade de construir símbolos e mexer com o imaginário.

Sobre o termo "*imaginário*" e essa construção discursiva, Barthes (2004b, p. 296), enfatiza-o a partir do sentido lacaniano, que existe uma analogia entre as imagens, um movimento de identificação. O imaginário é representação, figuração, registro do sujeito no qual cola uma imagem. No sentido barthesiano (1999, p.45-46) é concebido como "inconsciência do inconsciente", para o semiólogo, "o Imaginário é a linguagem por meio da qual o enunciante de um Discurso (entidade puramente lingüística) 'enche' o sujeito da enunciação (entidade psicológica ou ideológica)".

No cordel, o apelo à visualidade e a estética opera, junto aos demais recursos poéticos (estrofação, ritmo, rimas, linguagem figurada, etc.), como um efeito de realidade (BARTHES, 1972, p. 43). Em concordância, Luyten (1983) aponta que o ritmo dos versos e a forma que eles eram construídos no cordel facilitam a memorização do que está sendo dito e cria uma imagem na mente do ouvinte-leitor. Desse modo, quando os autores de cordel criam, em suas narrativas, uma imagem do feminino, eles estão atualizando modos de figurações e representações de gênero também no imaginário de quem lê ou escuta um cordel.

Nessa perspectiva, quando é pensado em figurações do gênero feminino, as mulheres eram retratadas de duas formas na historiografia do cordel, como protagonistas ou figurantes, e é expressivo o que diferencia uma da outra. Para Silvano Peloso (1988, p. 87), as mulheres seriam então vistas, em suas caracterizações populares, como vítimas ou aliadas do demônio, sendo estas representações aliadas ao passado e à tradição, que configuraram o repertório dos cantores de uma época. As mulheres protagonistas apenas quando agiam de acordo com o que a sociedade esperava delas.

Para Melo (2019, p.15), esse tipo de figuração pautado em um discurso patriarcal só reforça a necessidade das representações no cordel de autoria feminina. Para a autora, a escrita feminina no cordel traz em si uma grande potencialidade de apresentar ao leitor outras percepções do real. “Nele a mulher pode narrar poeticamente os acontecimentos a partir de suas vivências e ter a oportunidade de apontar um “outro lugar”, que antes não fora visto ou para onde não se olhava.” (MELO, 2019, p.15) A literatura de cordel torna-se, assim, uma ferramenta de resistência, de reivindicação de um olhar, e de redefinição das identidades femininas.

Diante disso, e para demarcar bem o conceito de identidade de gênero que é exposto e defendido aqui, é importante remeter também ao conceito de linguagem e dominação de hooks (2017). A autora argumenta que a forma como usamos a linguagem e as palavras que escolhemos têm um impacto significativo na maneira como percebemos o mundo e nos relacionamos com os outros. (HOOKS, 2017).

Desse modo, hooks (2019) também reflete sobre a importância de narrar a si mesma a partir da escrita autoral. Para a autora, um dos principais aspectos transformativos do movimento feminista tem sido o de convocar as mulheres a romper o silêncio, contar suas próprias histórias e reivindicar suas figurações. Como uma estratégia de resistência, “erguer a voz era uma forma de rebelião consciente contra a autoridade dominante” (HOOKS, 2019, p. 20)

Para muitas pessoas exploradas e oprimidas, a luta para criar uma identidade e nomear a própria realidade é um ato de resistência, pois o processo de dominação – seja a colonização imperialista ou a opressão machista – tem nos esvaziado de nossa identidade, desvalorizando nossa linguagem, nossa cultura, nossos corpos, nossa aparência. Partindo desses pressupostos prévios, é possível iniciar uma análise mais assertiva das obras da cordelista sergipana Izabel Nascimento.

A Análise

Izabel Nascimento é uma cordelista que por dois anos seguidos ocupou a presidência da Academia Sergipana de Cordel, além disso é escritora, pedagoga, poeta e radialista, tem suas raízes profundamente conectadas com a arte do cordel e a cultura popular. Ela lidera diversas iniciativas nesses campos, como os projetos "Cordel de Quinta", que promove diálogos entre a poetisa e apreciadores locais da arte em versos, e o projeto "Saúde Mental

em Cordel", voltado a conscientizar as pessoas sobre as doenças mentais predominantes no Brasil. Izabel também é pioneira no *Movimento Nacional das Mulheres Cordelistas*⁵ em combate ao Machismo no cordel e em outras esferas da sociedade. Com seu trabalho multifacetado e engajado, Izabel Nascimento não apenas preserva e difunde o patrimônio cultural do cordel, mas também empodera outras mulheres cordelistas na luta contra o machismo.

Ao voltar um olhar mais atento para as três obras da cordelista que trazem esse aspecto de luta por igualdade nas relações de gênero, sob a lente de Foucault (1986), com a tentativa de compreender os aspectos de gênero estéticos e sociais que elas legitimam/subvertem através do cordel, é possível observar como as concepções de gênero de Izabel atravessam e transcendem os estereótipos e expectativas do que é ser mulher, o que viabiliza a emergência de novas perspectivas e possibilidades para outras mulheres.

Essa percepção inicial revela um aspecto poderoso da poesia, principalmente, feita em cordel de autoria feminina, que é ser uma ferramenta utilizada para desafiar antigos discursos opressivos e promover uma visão mais diversa das relações de gênero através da cultura. Perceba como isso ficará ainda mais evidente ao decorrer da análise das obras selecionadas da cordelista.

Receita da Boa Mulher

A obra *Receita da Boa Mulher* (2018), de acordo com a breve apresentação do autor Wagner Lemos (2018, p. 3), “mostra com a perfeição do riscado da excelente cordelista, com humor e criatividade, uma resposta a tantos que ainda insistem em ver [...] a mulher como o verbete enciclopédico do século XVIII” (2018, p. 3). Nessa perspectiva, após várias estrofes em que se enumeram as condutas da “boa mulher” e desconstrói uma imagem que por décadas ocupou lugar de destaque no imaginário coletivo, Izabel nos mostra que faz tempo que ser mulher já não é mais sinônimo de submissão.

Construindo um movimento interessante, logo nos versos iniciais, Izabel apresenta uma longa lista de comportamentos e aspectos que são “esperados” de uma mulher em relação ao homem, com sugestões de enunciados que remetem a submissão e a obediência, alinhados com as noções tradicionais de papéis e padrões de gênero. Entre essas ironias e

⁵ No momento, são mais de 70 coletivos de diversos estados do Brasil aliados à causa, totalizando cerca de 1.500 mulheres unidas. Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/mulheres-se-mobilizam-contr-o-machismo-na-literatura-de-cordel-1.2967252>

provável transcrição de realidades ainda influentes em muitos homens, a autora escreve: “Nunca deve reclamar/ Se ele não a agradar” (NASCIMENTO, 2018, p. 5).

Depois, quebrando uma imagem já pré-estabelecida e estereotipada, o poema muda de tom, destacando que essas expectativas são ilusórias:

*Eu direi a quem quiser
Porque também sou mulher
Com muito orgulho e razão
Do que o homem é capaz
A mulher também o faz
Até com mais perfeição.*

*No dia da criação
Quando Deus moldou Adão
Com barro do chão molhado
Um segredo pra nós dois:
Deus fez a mulher depois
Pra fazer mais caprichado!* (NASCIMENTO, 2018).

Ao declarar que a mulher também é capaz de realizar o que o homem faz e com mais perfeição, a poesia desconstrói o discurso de que certas tarefas ou habilidades são inerentes e exclusivas dos homens. Além disso, a referência à criação bíblica de Adão e Eva é usada de forma irônica e humorística, contrariando os estereótipos estéticos de gênero e sugerindo que Deus fez a mulher depois para aprimorar a sua primeira criação. Os versos desafiam, assim, a narrativa tradicional que coloca a mulher como uma mera adição, figuração e complemento ao homem.

A postura de Izabel, enquanto sujeito que narra, é nítida e os argumentos são precisos. Não há espaço para patriarcados, machismos e demais diretrizes da sociabilidade com base em separação de forças, de saberes. No cordel "Receita da Boa Mulher", a união plural é convocada, independentemente das amarras morais que são impostas ao feminino, em prol da razão e da capacidade de agir e se reinventar.

Não é novidade que desde os primeiros registros acerca dos hábitos e costumes em terras brasileiras, a imagem da mulher tem sido repetida, uma imagem cristalizada e ritualizada pela repetição: índias que andavam nuas e se entregavam aos descobridores; negras escravizadas pelos senhores de engenho, mistura racial e o aparecimento da mulata, o

rebolado do carnaval. Retornando ao conceito de Estereótipo para Barthes (1975), este é uma necrose da linguagem, no fundo, podemos ver como uma espécie de oportunismo que parte de um sujeito que ocupa um lugar de poder nas relações sociais e impõe representações enviesadas de gênero.

Nessa perspectiva, o cordel de Izabel faz um movimento que desafia as "verdades" pré-estabelecidas que são perpetuadas ao longo de décadas e décadas sobre as relações de gênero. E mais, ao final a autora ainda sugere que é hora de romper com essas concepções limitantes e opressivas, que aprisionam e restringem as mulheres em papéis estereotipados.

Cordel de Mãe e Filha - Relato de Verso e Voz

Nas obras "Cordel de Mãe e Filha"(2018) e "Relato de Voz e Verso"(2017), há quatro eixos discursivos fundamentais que se destacam ao longo da poesia, juntos eles articulam uma nova abordagem do cordel e revelam um outro modo de construção de discursos nessa arte popular. Esses temas não costumam ser abordados nas discussões tradicionais sobre o cordel, que são pautadas por experiências folcloristas, acadêmicas e produzidas principalmente por poetas, geralmente, homens. Os quatro eixos são: a ancestralidade, as lutas pessoais cotidianas, os machismos e os diálogos individuais com o universo do cordel.

Em ambas as obras de Nascimento (2017 e 2018), ela enfatiza o aprendizado sobre poesia com sua mãe, ressaltando a importância dessa herança familiar.

Assim como o fruto nasce

Quando a raiz traz à vida

Feliz o fruto que honra

A jornada percorrida

Eu honro quem me gerou

Se serei, se fui, se sou. (NASCIMENTO, 2018)

Para além disso, Nascimento (2018) também denuncia situações de machismo no universo do cordel, expondo suas experiências como mulher na poesia:

Ser mulher na poesia

Exigiu muito de mim

A mão do machismo pesa

O seu disfarce é ruim

Carrega na estridência

O joio da incompetência

Ainda hoje é assim. (NASCIMENTO, 2017)

Seguindo a perspectiva decolonial de bell hooks (2019), que destaca a importância das mulheres narrarem as próprias histórias como forma de alcançar o poder, ter voz e tornarem-se sujeitas de si, as obras de Nascimento assumem um papel significativo. Por meio de suas poesias, ela compartilha seu ponto de vista, discorre sobre sua história enquanto mulher e cordelista enfrentando as questões de gênero presentes na sociedade e no universo do cordel.

Dessa forma, Nascimento rompe com os discursos tradicionais e traz uma nova perspectiva, que valoriza a ancestralidade, expõe as lutas diárias enfrentadas como mulher no universo da poesia e denuncia o machismo ainda presente em tantas esferas da sociedade. Sua voz poética se torna uma ferramenta para empoderamento, representatividade e transformação social, reafirmando a importância de construção de enunciados que exponha além dos aspectos estéticos do gênero feminino, mas traga fomento para construção de uma visão mais inclusiva e ampla das relações de gênero.

Segundo a pesquisadora e livre-docente em Análise do Discurso pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Maria do Rosário Gregolin (2004, p. 26) existe uma força especial entre o enunciado e o que ele enuncia. Para a autora, “é justamente a função enunciativa: o fato de ele ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regra-sócio-históricas que definem e que possibilitam que ele seja enunciado”. A historiografia oficial escrita por homens que ofuscaram e colocaram essas mulheres no papel de coadjuvante está na nossa memória porque constitui um enunciado que é pautado no patriarcado e no machismo. No entanto, ainda sob a ótica dos conceitos de Gregolin (2004) é observado que os enunciados vão mudando, mas para que haja uma mudança no enunciado como um todo é necessário uma mudança de paradigma.

Nessa ótica, Izabel Nascimento constrói para além de versos e rimas, uma estética discursiva de resistência, que representa para o cenário do cordel local e nacional uma quebra de paradigma nas relações de gênero e nas narrativas que são contadas através da poesia de cordel.

Considerações finais: um ponto de partida

No processo de análise da estética feminina presente no discurso do cordel de Izabel Nascimento, é possível notar que a autora rompe com algumas ideias do que é ser mulher para sociedade através da poesia e da cultura popular. Izabel traz uma visão mais diversa e empoderadora do papel da mulher nas relações de gênero, que subverte discursos sexistas de outrora.

Para além disso, o cordel de Izabel Nascimento, enquanto expressão artística, pode ser considerado também uma forma de resistência cultural dentro do cenário do cordel local e nacional. Ao utilizar a imagem-palavra como meio de expressão, a autora rompe com tradições, valores e estigmas de gênero na tentativa de contar uma NOVA história. Por meio dessa estética de resistência notória em seus versos, o cordel da poetisa sergipana vem se tornando uma ferramenta poderosa para amplificar as vozes das mulheres e promover a valorização de sua cultura e identidade.

Para Hall (2003), o aspecto mais genuíno da cultura popular é justamente este, ser um campo estratégico de disputa que viabiliza movimentos de resistência de uma camada marginalizada. Ele complementa para demarcar assertivamente o conceito de popular: “A cultura dos oprimidos, das classes excluídas: esta é a área à qual o termo ‘popular’ nos remete.”(HALL, 2003)

A partir dessa percepção de Hall é possível compreender que os significados culturais resultam de formações históricas específicas, de repertórios culturais de enunciação também muito específicos, que estão sempre em disputa e podem constituir um ‘posicionamento’, ao qual podemos chamar provisoriamente de identidade”. (HALL, 2003) Nesse contexto, ao analisar os símbolos e posicionamentos presentes no cordel da autora foi revelado aqui como a autoria feminina no cordel tem o potencial de ajudar a percepção de outras mulheres sobre si mesmas e construir novas imagens a partir disso. Essa construção de identidade fortalece o sentimento de pertencimento e empoderamento entre as mulheres, ampliando sua voz na sociedade.

Além disso, no processo de construção do artigo, foi possível fazer reflexões mais certeiras e palpáveis acerca do cordel de Izabel, que notoriamente tem potencialidade de incentivar mudanças sociais significativas nas relações de gênero e na estética/forma do cordel de autoria feminina.

Em síntese, essas considerações finais não constroem um final propriamente dito, mas sim um ponto de partida para que outras mulheres figurem a si mesmas no cordel. Como

visto aqui, através dos versos de autoras como Izabel Nascimento, somos convidadas a refletir sobre as relações de poder que atravessam a linguagem, as representações de gênero e as lutas sociais que são frequentemente expostas nas manifestações culturais, reconhecendo o poder da poesia como instrumento de resistência e transformação de velhos significados.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

BARTHES, R. **O efeito de real**. In: GENETTE, Gérard et al. *Literatura e semiologia: pesquisas semiológicas*. Tradução Célia Neves Dourado. Petrópolis: Vozes, 1972

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1999

BARTHES, R. **O grão da voz**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

BARTHES, R. **Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios**. Lisboa: Presença, 1975.

BISPO, M. S.; GODOY, A.S. **Etnometodologia**: Uma proposta para pesquisa em estudos organizacionais. *Revista de administração da UNIMEP*, 2014.

CÂMARA, C. **Literatura oral no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1978.

COOPER, D. R. et al. **Business research methods**. 2003.

CHUEKE, G.V.; LIMA, M.C. **Pesquisa Qualitativa**: evolução e critérios. *Revista Espaço Acadêmico*, 2012.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004a.

HALL, S. **Da diáspora**. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Brasília: Unesco, 2003.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LEITE JR. **O poético e o visual na trilogia lírica de Saramago**: imagem, imaginação e esclarecimento. In: II Encontro Nacional de Estética, Literatura e Filosofia, 2016, Fortaleza. Anais do II Encontro Nacional de Estética, Literatura e Filosofia, 2016. v. 3. p. 243-251.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MELO, M. “**Cordel de Saia**”: autora feminina no cordel contemporâneo. – São Cristóvão, 2016.

PELOSO, S. Medioevo nel sertão: Tradizione medievale e archetipi della letteratura popolare nel Nordeste del Brasile. Napoli: Liguori Editore, 1988. _____. **O canto e a memória: História e utopia no imaginário popular brasileiro**. São Paulo: Ática, 1996.